

# A designação de ditadura em dicionários on-line

*The designation of dictatorship in online dictionaries*

GABRIEL REIS MORAES MACHIAVELI

Doutorando em Linguística (PPGL-UFSCAR)

E-mail: gabriel.machiaveli@gmail.com

---

**Resumo:** O presente artigo tem o propósito de investigar os verbetes de *Ditadura* e *Militar* em dicionários on-line como *Dicio*, *Michaelis* e *Priberam*. Nosso arcabouço teórico faz parte da Semântica Enunciativa de Guimarães (2002; 2018), principalmente no entorno do Domínio Semântico de Determinação. Procuramos descrever os verbetes e analisá-los com base não no conteúdo normativo dos dicionários, mas conforme enunciados tomados na história. Dessa forma, investigamos a designação de “ditadura” e os possíveis memoráveis retomados nos enunciados. Encontramos nesses verbetes possíveis deslizamentos entre “golpe militar” e “exercício temporário” que remontam memoráveis da Ditadura Militar brasileira (1964-1985).

**Palavras-chave:** Ditadura. Militar. Dicionário. Semântica do Acontecimento.

**Abstract:** This article aims to investigate the dictatorship and military entries in online dictionaries such as *Dicio*, *Michaelis* and *Priberam*. Our theoretical framework is part of the enunciative semantics of Guimarães (2002; 2018), mainly around the Semantic Domain of Determination. We tried to describe the entries and analyze them based not on the normative content of the dictionaries, but according to statements taken in history. In this way, we investigated the designation of “dictatorship” and the possible memorable ones taken up in the statements. We found in these entries possible slips between “military coup” and “temporary exercise” that date back to memorable events of the Brazilian Military Dictatorship (1964-1985).

**Keywords:** Dictatorship. Military. Dictionary. Semantics of the Event.

---

## 1 PALAVRAS INICIAIS

O sentido de Ditadura tem extrema importância no Brasil. Após passar mais de 20 anos sob um regime ditatorial de militares (1964-1985) e depois de oito eleições diretas para presidência (1989-2018), esse tema voltou ao debate público após um revisionismo declarado de que não houve uma Ditadura Militar no país. Por mais que não seja nosso interesse aqui validar ou não isso, pretendemos analisar o termo *ditadura* no dicionário, a fim de evitar desvios, ou melhor, deslizamentos semânticos do termo para abrandar um período triste da nossa história.

Discorrer sobre o sentido é ponderar sobre algo que muda, que desliza, que contradiz, que rememora, que atualiza, enfim, que acontece. Neste artigo, buscamos descrever sentidos parcialmente estabilizados que podem, acreditamos, estar sofrendo deslizamentos e pontos de deriva a partir de posições de sujeitos antagônicos. Dessa forma, este trabalho incorre a dois riscos: o primeiro é identificar sentidos que não corroboram

as narrativas históricas mais aceitas sobre o tema; e o segundo lugar, o mais espinhoso, reforçar sentidos estáveis.

O primeiro risco determina o segundo, mas a recíproca não é verdadeira. Se identificarmos sentidos contrários à narrativa histórica mais aceita, teríamos que defender a estabilização dos termos?

No ditado popular, o dicionário é conhecido como o “pai dos burros”, mas cientificamente é uma tecnologia intelectual (AUROUX, 2014) que fornece um conhecimento para as pessoas ficarem “menos burras”. É um adágio que designa a sua função como ferramenta para “tirar dúvidas”, seja no uso cotidiano e/ou pedagógico. Nosso objetivo aqui é tratar o dicionário além de uma ferramenta de “tirar dúvidas”; procuramos apreendê-lo como um texto integrado por enunciados (GUIMARÃES, 2011), analisando-o com base nos acontecimentos enunciativos.

O *corpus* é composto pelos verbetes de “ditadura” e “militar”, retirados de portais de dicionários: Michaelis (<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>), Dicio (<https://www.dicio.com.br>), e Priberam (<https://dicionario.priberam.org/>). Este último é um dicionário português que assume relevância devido a seu alto número de acessos no Brasil.

Investigaremos o sentido (cf. GUIMARÃES, 2002; 2007; 2011; 2018) de “ditadura” em dicionários disponíveis on-line. Nosso objetivo geral é saber qual a designação de “ditadura” nesses verbetes. Entendemos que o sentido de um enunciado está no funcionamento da linguagem, por isso incumbe compreender como o termo “ditadura” adquire sentido a partir da sua relação de reescrituração e articulação<sup>1</sup> nos dicionários. Ademais, pretendemos abordar o termo “militar”, bem como suas relações com “guerra”, “exército”, e “forças armadas”.

Inscrevemo-nos em Semântica do Acontecimento (cf. GUIMARÃES, 2002; 2007; 2011; 2013; 2018), abordagem que toma a enunciação como fundamento de sentido dos enunciados. Segundo Guimarães (2002), a enunciação é um acontecimento que temporaliza. Pensar o dicionário como uma unidade de significação integrada por enunciados é compreender que os sentidos ali encontrados são constituídos por memoráveis e por uma latência de futuro (GUIMARÃES, 2002). Desse modo, trabalharemos também com os conceitos de espaço de enunciação (espaços que distribuem desigualmente as línguas entre os falantes), cena enunciativa (os lugares específicos dos espaços de enunciação, em que se encontram as figuras da enunciação) e com o Domínio Semântico de Determinação (DSD) (cf. GUIMARÃES, 2002; 2007; 2011; 2018), este último como o procedimento analítico principal.

## 2 SEMÂNTICA E ENUNCIÇÃO

Nosso artigo tem como base os fundamentos da Semântica do Acontecimento, teoria com base enunciativa, cunhada pelo linguista brasileiro Eduardo Guimarães (2002). A Semântica do Acontecimento (SA) tem como unidade de análise o enunciado. Conforme Guimarães (2018), o enunciado só é uma unidade se integrado a um texto, sendo o texto uma unidade de significação (GUIMARÃES, 2011).

---

<sup>1</sup> Procedimentos que serão explicados mais à frente.

Como a unidade de análise é o enunciado, é preciso analisar o seu aparecimento. O aparecimento de um enunciado é a enunciação e, dessa forma, um acontecimento. Segundo Guimarães (2002, p. 12), o acontecimento pode ser entendido como uma “diferença em sua própria ordem”.

Essa “diferença em sua própria ordem” diz respeito à temporalização. Cada enunciado temporaliza. Segundo Guimarães (2002, p. 12), o acontecimento enunciativo temporaliza porque “abre em si uma latência de futuro (uma futuridade) – sem a qual não há acontecimento de linguagem, sem a qual nada é significado, pois sem ela (a latência de futuro) nada há aí de projeção, de interpretável”. Isto pode ser mais elucidado abaixo:

O acontecimento enunciativo é o lugar da constituição de sentidos através de lembranças de enunciações passadas que remete ao real, ou seja, sentidos que se constituem nele significam algo do real (SILVA; MACHADO, 2015, p. 77).

Dessa forma, o acontecimento é a enunciação que rememora um passado e abre uma latência de interpretação. Essa lembrança é definida como memorável.

Nesse caso, a história se apresenta pelo memorável (passado, não como referido, mas como aquilo que o acontecimento toma como sentido) recortado pelo acontecimento. A cada acontecimento enunciativo, a cada enunciação, os sentidos trazem um sentido do passado “recortado” num presente, projetando um futuro, significando algo do real diferentemente (SILVA; MACHADO, 2015, p. 77).

Entretanto, ao analisar o acontecimento, é preciso também ter atenção ao Espaço de Enunciação. Conforme Guimarães (2002), esse espaço é regulado por uma deontologia global do dizer em certa língua: a relação entre falantes e a língua é um espaço de regularidades e de disputas pela palavra e pela língua. Os falantes são as pessoas enquanto determinadas pelas línguas que falam (escrevem). No entanto, se os falantes são as pessoas determinadas pelas línguas que falam, temos também de examinar o agenciamento enunciativo do acontecimento: a cena enunciativa.

Ao dizer, o falante, para ter acesso à palavra, deve respeitar alguns modos específicos de acesso, como “quem pode dizer?”, “quando posso dizer?”, etc., que, no arcabouço teórico que adotamos, são determinados pelas figuras da enunciação e pelas formas linguísticas.

Esse agenciamento enunciativo do sujeito falante, entre enunciador e locutor, é a cena enunciativa, uma especificação local no espaço da enunciação.

As figuras da cena enunciativa, segundo Guimarães (2018), são o Locutor – lugar que diz, alocutor-x – lugar social do dizer, e enunciador – lugar de dizer. Se o acontecimento é caracterizado como uma diferença em sua própria ordem, podemos dizer que o agenciamento enunciativo acontece devido a uma disparidade entre o Locutor como fonte do dizer e o alocutor-x como lugar social do dizer. Há uma desigualdade entre o presente do Locutor e a temporalidade do acontecimento.

Por outro lado, a cena enunciativa coloca em jogo, também, *lugares de dizer* que estamos aqui chamando de enunciadores. E estes se apresentam sempre como a representação da inexistência dos lugares sociais de locutor. E embora sempre se apresentem como independentes da história ou fora da história, são lugares próprios de uma história. Temos então enunciadores como: enunciador-individual, quando a enunciação representa o Locutor independente da história; enunciador-genérico, quando a enunciação representa o Locutor difuso num todos em que o indivíduo fala como e com outros indivíduos; enunciador-universal, quando a enunciação representa o Locutor como fora da história e submetido ao regime do verdadeiro e falso (GUIMARÃES, 2002, p. 26 – itálicos do autor).

Como citado, Guimarães (2002) observa que, além do lugar social, há também o lugar do dizer: o enunciador.

### 3 O DICIONÁRIO

Auroux (2014) afirma que existiram na história das ciências da linguagem duas revoluções. A primeira seria a escrita, 3.000 a. C., com a expansão do nosso saber metalinguístico; e a segunda com origem no século V, mas com uma massificação após o Renascimento: a gramatização. Conforme o autor, a segunda revolução modificou o status da língua, passando para uma instrumentalização tecnológica da gramática e do dicionário.

Segundo Dias (2006, p. 25), o dicionário “procura apresentar uma visão completa da língua”, isto é, procura estancar o significado das palavras com um caráter normativo e pedagógico. No entanto, nossa análise se baseia na Semântica Enunciativa, e não nos ateremos na normatização, mas sim nas possibilidades históricas do aparecimento de enunciados, no caso, os verbetes.

Oliveira (2006, p. 109) afirma o seguinte: “o dicionário como normatividade divide o real da língua para compor sua unidade, que, no caso da língua portuguesa, é a unidade de língua de Estado, de língua nacional”. Dessa forma, a normatividade procura uma estabilização de significados a partir de uma homogeneização, o que, como nos apontam Nunes (2010) e Oliveira (2014), não ocorre em sua totalidade.

Segundo Machado (2008), as definições lexicográficas partem de sentidos institucionalizados, sentidos legitimados na sociedade, o que exclui outros sentidos que circulam no cotidiano.

O dicionário, por sua vez, nesse processo de gramatização da língua, contribui para o imaginário de unidade dos sentidos e de unidade da língua portuguesa, isto é, para sua homogeneização segundo critérios estabelecidos dentro de uma certa ordem. A definição lexicográfica traz o sentido que está institucionalizado, legitimado, cristalizado, evidente. Trata-se, portanto, de um saber legitimado sobre a língua que divide o real por excluir sentidos, isto é, trata-se de um objeto político (MACHADO, 2008, p. 200-201).

Horta Nunes (2010), de um ponto de vista da Análise do Discurso Francesa, doravante AD, nos traz alguns apontamentos necessários sobre o dicionário. O autor considera que a definição das palavras em um dicionário não é neutra, como se espera de uma normatividade:

As definições, do ponto de vista discursivo, não são neutras, elas são sempre efetuadas a partir de uma posição discursiva, que pode não coincidir com a posição que ocupa o leitor. Além disso, as definições se tornam desatualizadas em relação ao discurso em circulação (NUNES, 2010, p. 13).

Dessa forma, além das definições não serem neutras, o autor aponta também que os sentidos apresentados nos dicionários podem representar deslizos, contradições e equívocos.

Ler um dicionário é saber que há certos sentidos que aparecem e sedimentam, se estabilizam, mas ao mesmo tempo é saber que eles sempre estão sujeitos a serem outros, sempre estão sujeitos aos equívocos, aos deslizamentos de sentido, às contradições entre diferentes posições de leitura (NUNES, 2010, p. 12).

Portanto, nosso estudo tem o objetivo de analisar a designação das palavras “ditadura” e “militar” e seus possíveis deslocamentos de sentidos, equívocos ou contradições, mas de uma abordagem enunciativa.

#### 4 PROCEDIMENTOS ANALÍTICOS

A designação para Guimarães (2011, p. 81) “é uma relação linguística de sentido enquanto exposta ao real. Deste modo esta relação linguística é uma relação tomada na história”. Não é interesse da semântica, aqui abordada, o indivíduo em si, mas o sujeito que *acontece* na história pela enunciação.

*A designação é o que se poderia chamar de significação de um nome, mas não enquanto algo abstrato. Seria a significação enquanto algo próprio das relações da linguagem, mas enquanto exposta ao real, ou seja, enquanto uma relação tomada na história (GUIMARÃES, 2002, p. 9 – destaque do autor).*

Com base nesse funcionamento da linguagem, Guimarães (2007) elabora o conceito de Domínio Semântico de Determinação (DSD) para saber a designação das palavras. A importância do DSD se dá quando tomamos os enunciados como categorias linguísticas integradas a um texto. Trazendo o conceito de integração proposto por Benveniste (1988), em que a frase seria a última instância de análise, integrada por fonemas e estruturas sintáticas, Guimarães (2002; 2007; 2011; 2018) ressalta que o texto seria integrado por um conjunto de enunciados que se entrecruzam, ou seja, se relacionam transversalmente.

É com base nessa integração de enunciados em um texto que Guimarães (2007, p. 80) conceitua que “um DSD é construído pela análise das relações de uma palavra com as outras que a determinam no texto em que funcionam”.

Portanto, o DSD é dividido entre a reescrituração e articulação. A reescrituração é o procedimento “pelo qual a enunciação de um texto rediz insistentemente o que já foi dito fazendo interpretar uma forma diferente de si” (GUIMARÃES, 2007, p. 84). Uma palavra é reescriturada por outra, reforçando um sentido ou não. “Este procedimento atribui (predica) algo ao reescriturado” (GUIMARÃES, 2007, p. 84).

Guimarães (2002, p. 28) observa que a reescrituração faz com que uma palavra em um texto seja interpretada diferentemente de si. Uma palavra pode ser reescriturada por repetição, mas não ter a mesma designação anterior. “E analisar a designação de uma palavra é ver como sua presença no texto constitui predicacões por sobre a segmentalidade do texto, e que produzem o sentido da designação” (GUIMARÃES, 2002, p. 28).

A reescrituração de uma palavra pode se dar por: repetição: quando uma palavra é retomada inteiramente ou por sinonímia; substituição: quando uma palavra é reescriturada por outra; elipse: quando a palavra não é repetida nem substituída, mas omitida; expansão: quando uma sequência de enunciados amplia o significado de uma palavra anterior; condensação: quando uma palavra condensa partes de um enunciado ou texto; definição: quando uma palavra é reescriturada em uma definição.

Ademais, essas reescriturações também podem receber mais categorias, dependendo do *corpus* escolhido. Temos a reescrituração por especificação, generalização, totalização, enumeração e desenvolvimento<sup>2</sup>.

A interpretação do sentido não é composicional, não é sobre a sintaxe (embora isso possa ser relevante em determinado *corpus*), mas é tomada pela “consideração de atribuição de sentido que sofre os enunciados considerados na relação com o sujeito pelo acontecimento de enunciação” (GUIMARÃES, 2011, p. 33).

Deste modo o processo de reescrituração constrói o sentido das palavras e das expressões linguísticas, em virtude do próprio processo com que se dá. Nosso interesse, então, não está no fato de que uma retomada se faz sobre algo que é o mesmo, mas ao contrário, ao se fazer, faz significar algo que não estava significado (GUIMARÃES, 2007, p. 87).

Outro procedimento de análise da textualidade, além da reescrituração, é a articulação. Segundo Guimarães (2018, p. 80), a articulação “é um modo de relação enunciativa que dá sentido às contiguidades linguísticas, é, então, uma relação local entre elementos linguísticos que significam pela relação com os lugares de enunciação agenciados pelo acontecimento”.

Existem três tipos de articulação: 1) articulação por dependência: elementos contíguos se organizam por uma relação em que constitui, no conjunto, um só elemento; 2) articulação por coordenação: quando elementos de uma mesma natureza se organizam como se fossem um só da mesma natureza de cada um dos constituintes; 3)

---

<sup>2</sup> Cf. Guimarães, 2007.

articulação por incidência: “relação que se dá entre um elemento externo a outro que, ao se articular com ele, forma um elemento do segundo tipo” (Guimarães, 2018, p. 81).

Esses dois procedimentos de análise serão utilizados neste artigo para apresentar a designação de “ditadura” e “militar” nos dicionários on-line. De um lado a reescrituração, uma operação de predicação, e de outro a articulação, uma relação de contiguidade entre as formas linguísticas (relações argumentativas, caracterização, enumeração).

## 5 A “DITADURA” E “MILITAR” NOS DICIONÁRIOS

Nosso objetivo central neste artigo é descrever os verbetes “ditadura e militar” de dicionários disponibilizados gratuitamente on-line. Ditadura é um termo que vem sofrendo deslizamentos no Brasil, principalmente em relação à Ditadura Militar brasileira. Muitos discursos recentes vêm rememorando enunciados *saudosos* do período da Ditadura Militar, como o “Milagre Econômico”, outros negando o histórico cinza de seus porões. De nossa parte, descreveremos os verbetes com base enunciativa para apreendermos os enunciados na história, na sua construção sócio-histórica.

Nosso *corpus* é composto por verbetes encontrados nos sites *Dicio*, *Priberam* e *Michaelis*. O *Dicio*, segundo sua página na internet, se autodetermina um dicionário contemporâneo “essencial no conhecimento, uso e estudo da língua portuguesa” (DICIO). Contém mais de 400 mil verbetes e assume uma posição dinâmica da língua, usando regionalismo, entre outras caracterizações.

O *Michaelis* existe há décadas e está no dia a dia da escola, como dicionário monolíngue ou bilíngue. Esse dicionário foi criado pela lexicógrafa alemã Henriette Michaelis juntamente com a sua irmã Carolina Michaelis de Vasconcelos. Conforme sua página on-line, em 1950 a Editora Melhoramentos deu continuidade ao projeto lançando diversos dicionários em vários idiomas. O dicionário *Priberam* da Língua Portuguesa tem cerca de 133 mil verbetes, entre locuções e fraseologias. É uma versão adaptada para as tecnologias da *Web*.

Começaremos com o verbete sobre Ditadura do *Dicio*. É importante notar, mais uma vez, que o dicionário normatiza os sentidos das palavras, ao contrário de nosso método que busca encontrar os deslizamentos de sentido no funcionamento da linguagem.

Verbetes 1:

### **Ditadura**

*substantivo feminino* Governo que se utiliza da autoridade para suprimir e restringir os direitos individuais, definido pela soberania do Poder Executivo sobre o Legislativo e o Judiciário; país ou nação em que o governo é exercido dessa forma.

[Por Extensão] Sistema antidemocrático em que o chefe de Estado não é escolhido por votações populares. [Figurado] Influência exagerada que uma pessoa ou coisa exerce sobre os demais: ditadura da beleza.

Etimologia (origem da palavra *ditadura*). Do latim *dicatura*.ae.

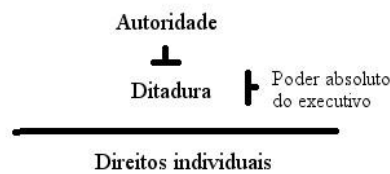
**Sinônimos de Ditadura**

Ditadura é sinônimo de: absolutismo, tiranía, autocracia, despotismo (DICIO)

No verbete *Ditadura* encontramos que “Governo” reescritura “Ditadura” por repetição; governo e ditadura, nesse caso, aparecem com o mesmo sentido. Dessa forma, “Governo” reescritura por substituição de “Ditadura”. Entretanto, como a reescrituração é uma operação de predicação, no verbete apresentado encontramos que o enunciado “que se utiliza da autoridade para suprimir e restringir os direitos individuais” especifica “governo”. Temos então que “governo” é reescriturado por expansão em todo o primeiro parágrafo do verbete. Trata-se de uma expansão por desenvolvimento. Encontramos também uma articulação por coordenação em todo o parágrafo, uma enumeração. Embora o enunciado “definido pela soberania...” apresente uma reescrituração por definição, isto não impede que todo o parágrafo seja uma expansão por enumeração também.

Assim, temos DSD 1:

**Figura 1:** DSD 1



Fonte: elaboração do autor, 2019.

Como a relação entre “governo” e “autoridade” é uma articulação por dependência, porque predica a “governo” uma condição, temos primeiro que “autoridade” determina “ditadura”. De outra forma, a relação que se apresenta no enunciado “definido pela soberania do Poder Executivo sobre o Legislativo e o Judiciário” nos fornece que “ditadura” é quando o centro do Poder é o Executivo, dessa forma o poder Executivo é absoluto. Entretanto, se analisarmos o enunciado “Governo que se utiliza de autoridade para suprimir e restringir os direitos individuais”, localizamos um sentido antônimo de “ditadura”. *Direitos Individuais* é antônimo de ditadura.

No último enunciado do primeiro parágrafo, separado por ponto e vírgula, o conectivo “ou” exerce uma função de similitude entre as palavras. Nesse caso, “país” e “nação” apresentam o mesmo sentido. Outra reescrituração que encontramos nesse enunciado é uma repetição por anáfora. O “dessa forma” poderia ser parafraseado como:

- a) País ou Nação em que o governo se utiliza da autoridade para suprimir e restringir direitos individuais.

Como vimos, não se trata de uma reescrituração por elipse, mas sim uma repetição. A anáfora rediz tudo o que foi dito antes da separação com ponto e vírgula.

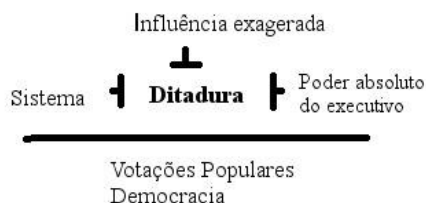
No segundo parágrafo do verbete, o significado é categorizado como “por extensão”. Encontramos aqui que “ditadura” é reescriturada por substituição em



“sistema antidemocrático”. A articulação “em que” atribui a “sistema” a não realização de “votações populares”. Em seguida, localizamos o sentido figurado do termo. Nesse enunciado, “ditadura” é reescriturada por repetição, mas determinada por “beleza”.

Apresentamos, então, o DSD 2.

**Figura 2: DSD 2**



Fonte: elaboração do autor, 2019.

Acima, constatamos que “ditadura” é determinada por “sistema”, que é também determinado por “antidemocrático”. Trata-se de uma articulação por dependência, em que “antidemocrático” caracteriza “sistema”. Em outra ponta, mantemos que “poder absoluto do executivo” determina “ditadura”. No sentido figurado, como a “ditadura da beleza”, notamos que não é beleza que determina “ditadura”, mas sim “influência exagerada”. Portanto, constatamos que “influência exagerada” determina “ditadura”.

No entanto, como “antidemocrático” caracteriza “sistema”, este também determina “ditadura”, localizamos aqui que “democracia” é antônimo de “ditadura”, o mesmo ocorre com “votações populares”.

Verbetes 2:

**Militar**

*adjetivo* Que diz respeito às forças armadas, aos soldados: arte militar, meio militar. Carreira militar, carreira das armas. Hierarquia militar, ordem de subordinação entre os diferentes postos e graduações.

*substantivo masculino* Aquele que integra as forças armadas (DICIO).

Primeiramente, o enunciado “Que diz respeito” pode ser parafraseado como “com relação a” ou “relativo a”. “Que diz respeito” reescritura por substituição “militar”, ao utilizar o enunciado “que diz respeito” ele retoma o termo “militar” para especificar. “Arte militar”, “meio militar”, “Carreira militar”, “Carreira das armas” reescrituram “militar” por expansão. Nesse caso, o comentário expandido é uma enumeração.

**Figura 3: DSD 3**



Fonte: elaboração do autor, 2019.

No esquema acima, constatamos que “militar” é determinado por “soldados”, por “Forças Armadas”, e também pela enumeração (articulação por coordenação) “Arte militar”, “Carreira”, “Hierarquia”.

O significado de “militar” como substantivo apresenta uma elipse. Nesse caso, temos que o pronome demonstrativo “aquele” determina “homem”. Poderíamos parafrasear como:

- b) Pessoa, homem ou mulher, que integra as forças armadas.

Temos então uma elipse em “aquele”. Há uma omissão do sentido de ser humano no enunciado.

Agora vamos analisar os verbetes no dicionário on-line *Michaelis*.

Verbete 3:

### **Ditadura**

Sf 1 Governo autoritário, unipessoal ou colegiado, caracterizado pela tomada do poder político, com o apoio das Forças Armadas, em desrespeito às leis em vigor, com a conseqüente subordinação dos órgãos legislativos e judiciários, a suspensão das eleições e do estado de direito, com medidas controladoras da liberdade individual, repressão da livre expressão, censura da imprensa e ausência de regras transparentes em relação ao processo de sucessão governamental.

2 POR EXT Sistema de governo que, de forma geral, não respeita as liberdades individuais.

3 Governo ou autoridade do ditador; autoritarismo, tirania, despotismo.

4 Nos modernos governos representativos, o exercício temporário e anormal do poder político, impessoal ou colegiado, com atribuições prefixadas, destinado a sanar um mal público ou proteger suas instituições quando elas se encontram ameaçadas por um perigo externo ou interno.

EXPRESSÕES Ditadura do proletariado, POLÍT: segundo a doutrina marxista, período em que o proletariado, como classe social destinada a dirigir a tarefa de libertação das massas trabalhadoras exploradas pela burguesia, deverá assumir o poder, reorganizando a sociedade com um sistema de eliminação de classes e do Estado capitalista, até que surja a sociedade comunista, estágio final da evolução humana. ETIMOLOGIA *lat dictatura* (MICHAELIS).

Encontramos no primeiro parágrafo (1), uma articulação por coordenação entre “Autoritário, unipessoal e colegiado”, uma vez que determinam o sentido de “ditadura”. “Autoritário” caracteriza “Governo”.

Trata-se de uma reescrituração por substituição por especificação, em que “Autoritário” especifica o tipo de “Governo”. Há uma relação de contigüidade entre “autoritário” e “governo” mais específica. É uma repetição por especificação. O conectivo “ou” exerce, nesse caso, uma função de diferença, como em “este ou aquele”. “[...] caracterizado pela tomada do poder político...” é uma reescrituração por expansão,

por desenvolvimento. Todo o trecho (1) é uma articulação por coordenação, isto é, o texto enumera os sentidos de “ditadura”.

Em (2), “sistema de governo” reescritura por repetição com sinonímia “ditadura”. “Sistema de governo” e “ditadura” apresentam o mesmo sentido, que só é caracterizado por “não respeita as liberdades individuais”. Em (3), mais uma vez, o uso do conectivo “ou”. Nesse caso, “governo” e “autoridade de ditador”, embora não sejam antônimos, também não são sinônimos. “Governo” reescritura “ditadura” por substituição. O mesmo ocorre com “autoridade de ditador”, que substitui “ditadura”.

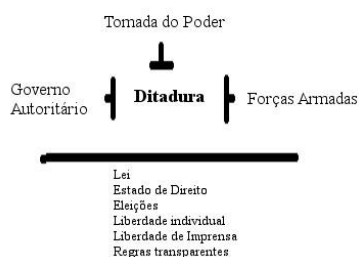
Em (4), encontramos outro sentido de “ditadura”. “Exercício temporário” e “sanar um mal pública” dão a ele uma outra determinação. “Exercício temporário” e “sanar um mal público” são memoráveis da Ditadura Civil-Militar Brasileira, como vemos em Reis (2005, p. 26):

Com efeito, como já se disse, formara-se, para derrubar o governo de Jango, uma ampla e diferenciada frente, com denominadores comuns muito genéricos: salvar o país da *subversão* e do *comunismo*, da *corrupção* e do *populismo*. E restabelecer a democracia.

O objetivo dessa ditadura seria sanar um mal público (contra os comunistas) e seria um “exercício temporário”. Esse enunciado justifica a ditadura, a define como a possibilidade de melhorar determinado momento de um país, além de proteger as instituições.

Sobre as “EXPRESSÕES”, encontramos uma articulação por dependência entre “ditadura” e “proletariado”, uma vez que “proletariado” determina o sentido de “ditadura”. O trecho “Segundo doutrina...” reescritura não “ditadura”, o termo em destaque, mas sim a “ditadura do proletariado”, por expansão e desenvolvimento. A seguir, o DSD 4:

**Figura 4: DSD 4**



Fonte: elaboração do autor, 2019.

Acima temos que “governo autoritário”, “Forças Armadas” e “Tomada do Poder” determinam “ditadura”. Por outro lado, “lei”, “Estado de Direito”, “Eleições”, “Liberdade Individual”, “Liberdade de Imprensa” e “Regras transparentes” são seus os antônimos encontrados.

Sobre o item (4), realizamos outro DSD, pois encontramos um memorável sobre o golpe militar, porque faz parte de uma memória contra a ditadura militar. Os enunciados “exercício temporário” e “destinado a sanar um mal público ou proteger

suas instituições” são uma justificativa usada pelos responsáveis pelo golpe de 1964 contra as reformas de base de Jango e contra o avanço do comunismo na América do Sul. Temos então o DSD 5:

**Figura 2:** DSD 5



Fonte: elaboração do autor, 2019.

Abaixo temos o verbete 4 apresentado pelo dicionário:

**Militar**

adj m+f

1 Relativo a guerra, a soldado, a tropas.

2 Relativo às Forças Armadas e à sua organização, atuação e disciplina.

3 Relativo ou pertencente ao Exército.

4 Que se baseia e se apoia nas Forças Armadas.

sm

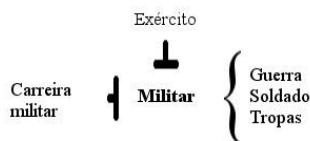
Soldado das Forças Armadas ou oficial que segue a carreira militar (MICHAELIS).

Mais uma vez podemos parafrasear “relativo a” por “diz respeito a”. Os dois apresentam o mesmo sentido. No item (1), encontramos uma expansão enumerativa. “Guerra, soldado e tropas” determinam “militar”. O mesmo ocorre em (2), com “Forças armadas” e “Organização, atuação e disciplina”. Em (3), “relativo ou pertencente” reescritura por elipse “militar”. “Ao Exército” determina “militar” com base no articulador “ao”, uma articulação por dependência que pode ser parafraseada como “aquele que participa do Exército”.

Em (4), “que se baseia” reescritura “militar” por uma elipse indefinida. Poderia ser “governo que se baseia”, “pessoa que se baseia”, ou ainda “programa que se baseia”. No significado como substantivo, “militar” é reescriturado por expansão de generalização por “Forças Armadas”. “Carreira militar” reescritura “militar” por substituição.

Apresentamos o seguinte DSD 6:

**Figura 6: DSD 6**



Fonte: elaboração do autor, 2019.

Temos então que “Carreira Militar”, “Exército” e a enumeração “Guerra, Soldado e Tropas” determinam “militar”.

Partiremos agora para a análise dos verbetes no dicionário *Priberam*.

Verbetes 5:

**Ditadura**

(latim dictatura, -ae)

Substantivo feminino

1. Governo de ditador.
2. Absorção do poder legislativo pelo poder executivo (PRIBERAM).

“Ditadura” é determinada por “governo de ditador”. “Governo de ditador” reescreve ditadura por substituição. Há uma articulação por dependência porque “de ditador” determina esse governo específico. O segundo significado diz que “ditadura” é a “absorção” do poder legislativo pelo poder executivo. Podemos parafrasear como “a incorporação do poder legislativo pelo poder executivo”. Isto mostra que absorção do poder legislativo reescreve ditadura por substituição de especificação, ou seja, é aquela que incorpora ou ignora o poder legislativo. Podemos pensar que “absorção” pode significar “desaparecimento” e, dessa forma, ditadura seria o desaparecimento do poder legislativo, o que aparece reescrito por sinonímia no verbete de “absolutismo” no mesmo dicionário: “Sistema de governo em que o poder do chefe é absoluto”.

Encontramos também uma articulação por dependência em que “ditador” determina “governo”. Com base na análise, constatamos o seguinte DSD 7:

**Figura 3: DSD 7**



Fonte: elaboração do autor, 2019.

A palavra “ditadura” é determinada por “ditador”, que, nesse caso, determina “governo”. “Absolutismo” é uma reescrituração por repetição com sinonímia, portanto, também determina “ditadura”. Por outro lado, “Poder Legislativo” é antônimo. “Absorção” predica à “ditadura” que seu “governo” não tem o “poder legislativo”.

Verbetes 6:

**Militar**

adjetivo de dois gêneros

1. Relativo ao exército ou a outros ramos das forças armadas.
2. Relativo à organização das forças armadas.
3. Relativo à guerra ou às tropas.
4. Relativo à milícia.
5. Apoiado pelas forças armadas (ex: *golpe militar*)

adjetivo de dois gêneros e substantivo de dois gêneros

6. Que ou quem faz parte do exército ou a outro ramo das forças armadas.

Substantivo masculino

7. Soldado. (PRIBERAM)

Em (1) temos que “Exército” e “ramo das Forças Armadas” reescreveram “militar” por substituição de especificação. Em (2) encontramos que “Organização das Forças Armadas” expande “militar”, uma reescrituração por expansão. Em (3), mais uma vez, o termo é especificado porque “militar” só tem sentido na sua relação com “guerra” e “tropas”. Trata-se de uma reescrituração por substituição de especificação. O mesmo ocorre em (4), em que “milícia” especifica o tipo de “militar”. Em (5), “golpe militar” determina “militar” pela articulação por dependência em “apoio das Forças Armadas”. Em (6) localizamos uma elipse em “que” e em “quem”. Este “que” omite o sentido de “homem”, o que poderia ser parafraseado como “aquele que faz parte...” ou ainda “quem faz parte” das Forças Armadas. Em (7), soldado é uma repetição de “militar” por sinonímia. Abaixo, apresentamos o DSD 8:

**Figura 4:** DSD 8



Fonte: elaboração do autor, 2019.

O dicionário *Priberam* traz uma definição diferente às dos demais.

Verbetes 7:

**Militar**

verbo intransitivo

1. Ser militar.
2. Servir ou ter carreira nas forças armadas.
3. Prevalecer, preponderar.

verbo transitivo e intransitivo

4. Estar ou participar em campanha, combate ou guerra = COMBATER, LUTAR, PUGNAR

5. Defender ideias ou causas = COMBATER, LUTAR, PUGNAR  
verbo transitivo
6. Estar filiado (ex: *ele agora milita no partido*) (PRIBERAM).

Trata-se de um verbete sobre um verbo, no caso, “militar”. Entretanto, em (1), “ser militar” é uma reescrituração por repetição. É um adjetivo. Em (2), o verbo “militar” é reescriturado por “servir” e “ter”. É uma reescrituração por substituição de especificação. Em (3) “prevalecer” e “preponderar” são reescriturações por repetição de sinonímia, em que “prevalecer” e “preponderar” têm o mesmo significado que “militar”. Em (4), “campanha”, “combate” e “guerra” caracterizam “militar”, no entanto “combater”, “lutar” e “pugnar” são sinonímias de “militar”. Em (5), “ideias” e “causas” reescrituram “militar”, dessa forma “ideias” e “causas” predicam o que é “ser militar”. Já em (6) está no campo político-partidário. “Militar” aqui pode ser parafraseado como “militância”.

Figura 5: DSD 9



Fonte: elaboração do autor, 2019.

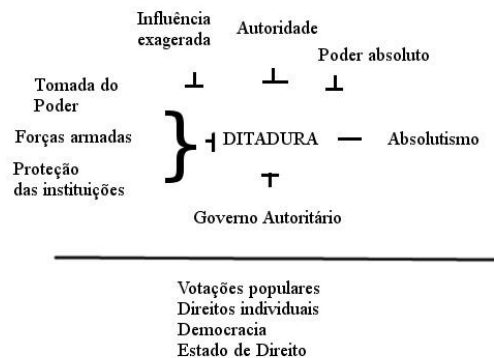
Cada DSD representa a designação da palavra pelo funcionamento da linguagem. Encontramos então várias definições de *ditadura* e de *militar*. Constatamos também memoráveis da Ditadura Civil-Militar brasileira, como “golpe militar” e “exercício temporário”.

## 6 PALAVRAS FINAIS

É preciso dizer que a análise deste artigo não se encerra, mas sim abre latências de futuro. Investigar os verbetes no dicionário, embora isso possa parecer simples, nos mostrou que mesmo o dicionário – instrumento linguístico que tem as propriedades de ser completo, normativo e pedagógico – só significa porque está em um acontecimento enunciativo. São os memoráveis que sustentam a designação dos verbetes, seja sobre ditadura – golpe militar, seja militar – forças armadas.

O sentido de *ditadura* encontrado é um conjunto de definições que abarcam memoráveis, em que constatamos o seguinte DSD 10:

Figura 6: DSD sobre Ditadura

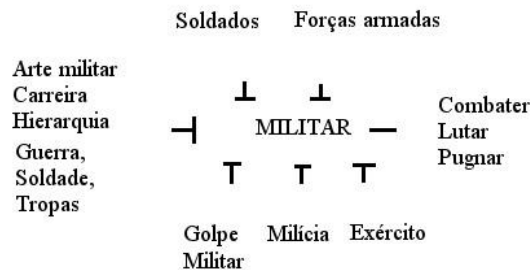


Fonte: elaboração do autor, 2019.

Localizamos que “ditadura” é determinada por “tomada de poder”, “forças armadas”, “proteção das instituições” (memorável do Golpe Militar de 1964), “autoridade”, “poder absoluto”, “influência exagerada” (memorável da beleza) e “governo autoritário”. Como sinonímia, temos “absolutismo”. Como antonímias, encontramos “votações populares”, “direitos individuais”, “Estado de Direito” e “democracia”.

Sobre *militar*, temos:

Figura 7: DSD sobre Militar



Fonte: elaboração do autor, 2019.

Constatamos que “arte militar”, “carreira”, “hierarquia” determinam “militar” com uma reescrituração por enumeração; este também é determinado por “Forças Armadas”, “soldados”, “golpe militar”, “milícia”, “Exército”, “guerra”, “soldado”, “tropas”. O sentido de “militar”, verbo, é sinônimo de “combater”, “lutar” e “pugnar”.

A análise dos enunciados demonstrou a contiguidade dos termos. Nos dois DSD acima, verificamos que “forças armadas” atribuem sentido aos dois termos, assim como “golpe militar”. “Forças armadas” e “golpe militar” demonstram a mobilização dos memoráveis, isto é, a mobilização da história na inscrição desses verbetes. O dicionário é um saber histórico.



## REFERÊNCIAS

- AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização**. Tradução: Eni Orlandi. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.
- DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/>. Acesso em: ago. 2019.
- DICIO: Dicionário On-line de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em: ago. 2019.
- DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Revisão técnica da tradução: Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1987.
- BENVENISTE, Emile. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas: Pontes, 1988.
- DIAS, Luiz Francisco. Gramática e dicionário. In: GUIMARÃES, Eduardo; ZOPPI-FONTANA, Monica (orgs.). **A palavra e a frase**. Campinas, SP: Pontes editores, 2006.
- GUIMARÃES, Eduardo. Análise de texto: procedimentos, análises, ensino. Campinas, Editora RG, 2011. In: GUIMARÃES, Eduardo; MOLLICA, Maria Cecília. **A Palavra: forma e sentido**. Campinas: Pontes Editores, RG Editores, 2007.
- GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do Acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. São Paulo, Campinas: Pontes Editores, 2002.
- GUIMARÃES, Eduardo. Argumentação e argumentatividade. **Desenredo - Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, v. 9, n. 2, 2013.
- GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica**: enunciação e sentido. Campinas, SP: Pontes editores, 2018.
- MACHADO, Carolina de Paula. A designação da palavra preconceito em dicionários atuais. **Sínteses**, IEL, volume 13, 2008.
- MICHAELIS. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: ago. 2019.
- NUNES, José Horta. Dicionários: história, leitura e produção. **Revista de Letras da Universidade Católica de Brasília**, volume 3, número ½, ano III, 2010.
- OLIVEIRA, Sheila Elias de. O dicionário informal e a relação do falante com a língua. **Revista da Anpoll**, número 37, Florianópolis, 2014.

OLIVEIRA, Sheila Elias de. Cidadania: uma história da palavra. **Matraga**, Rio de Janeiro, n.19, p. 106-124, 2006.

REIS, Daniel Aarão. **Ditadura militar, esquerdas e sociedade**. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora Zahar, 2005.

SILVA, Soeli Maria Schreiber da; MACHADO, Carolina de Paula Machado. Semântica do Acontecimento: princípios teóricos, metodológicos e análises. *In*: BARONAS, Roberto (org.). **Estudos discursivos à brasileira: uma introdução**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.